

Brasília pode tornar-se também a capital do lixo

ESTADO DE SÃO PAULO

30 JAN 1986

BRASÍLIA AGÊNCIA ESTADO

Brasília, prestes a se transformar em patrimônio histórico da cultura mundial, título concedido pela Unesco, pode orgulhar-se de ser a capital mais moderna do mundo, mas corre também o risco de se tornar a cidade mais suja do Brasil. Como pela primeira vez, em 26 anos, o brasileiro vai escolher seus representantes na Câmara e no Senado, a cidade já está sendo pichada com propaganda eleitoral, famílias pobres vivem sob viadutos ou em passagens subterrâneas para pedestres, o mato em vários locais substituiu a grama e o lixo se acumula nas residências, principalmente nas cidades-satélites e no Lago Norte — um dos bairros nobres da Capital —, onde os caminhões do Serviço de Limpeza Urbana só aparecem três vezes por semana.

O presidente do Serviço de Limpeza Urbana do Distrito Federal, empresa pública, Elias de Oliveira Motta, se diz alarmado e lembra que há 11 anos não se contrata um lixeiro para a cidade e, além disso, “nossa frota de caminhões está completamente obsoleta. Temos veículos de 1975 em pleno uso e todos sabem que, passados mais de cinco anos, eles se tornam antieconômicos. O resultado é que temos sempre, no mínimo, dez caminhões parados para conserto”. Por iniciativa do governador José Aparecido, foi instituído o Dia Regional do Gari, comemorado a 16 de agosto, mas os garis reclamam que não dispõem de luvas, botas de borracha e muitos nem sequer ganham o adicional de insalubridade.

Há mais de uma década que o Serviço de Limpeza Urbana (SLU) espera para poder colocar em seus portões esta placa: “Há vagas para garis”. Hoje, 2.574 homens recolhem diariamente 770 toneladas de lixo no DF. Na segunda-feira chegam a ser recolhidas 850 toneladas. Em 1975, segundo Motta, este mesmo efetivo recolhia apenas cerca de 300 toneladas.

A pretexto de “valorizar a profissão de gari”, conforme definiu, Elias Motta contou que em meados do ano passado, atendendo a várias reclamações em relação às condições de trabalho, o governador José Aparecido resolveu criar o Dia Regional do Gari (16 de agosto). Mas um funcionário do SLU diz que valorizar a profissão de gari parece brincadeira. “Até hoje continuamos sem uniformes regulares de trabalho. Não temos luvas nem botas de borracha.

Muitos não ganham o adicional de insalubridade ao qual teríamos direito. Gari nem nome tem”. Ele trabalhava usando apenas bermudas e sandálias havaianas, carregava uma vassoura e empurrava um carrinho com a barriga.

Identificando-se apenas como Silva, o gari brasileiro voltou à carga: “Andamos em média mais de cinco quilômetros por dia catando papel e todo tipo de sujeira. De volta do serviço, no ônibus, as pessoas se afastam de nós. Em casa não cumprimento ninguém antes de tomar um banho. É claro que nos sentiríamos melhor se tivéssemos equipamentos que reduzissem nosso contato com toda esta porcaria”.



Viaduto virando casa

“Infelizmente já foi o dia em que a cidade foi considerada o símbolo da limpeza urbana no País”, lamenta Benjamin Sicsu, coordenador de Meio Ambiente do Distrito Federal. Ainda nos anos 70, Brasília ficou nacional e mesmo internacionalmente conhecida como “a cidade que é tão limpa que até os carros coletores de lixo são brancos”. Atualmente os caminhões são cinzas, alaranjados ou pretos, mas não há nenhum com a cor original: “Os turistas se mostram meio decepcionados com tanta beleza dos monumentos acompanhados de tanto desmazelo”, queixa-se um agente de viagens ligado à Associação Brasileira de Agentes de Viagens, alertando que isto pode afetar o fluxo turístico.

“Com o dinheiro destinado ao SLU poderíamos limpar 50 vezes melhor as ruas da cidade”, garante um empresário do setor de asseio local. Segundo ele, as 38 empresas de higiene do DF empregam 40 mil funcionários e ocupam seis dos 20 primeiros lugares em recolhimento de Imposto Sobre Serviços (ISS). “Acho que merecíamos uma carta de confiança para mostrarmos nossa eficiência”, diz o empresário. “Desde a capital de São Paulo até a do Ceará trabalham em regime de concessões para a arrecadação e a exploração do lixo”, exemplifica. “Somente aqui é que temos este monopólio nas mãos do governo; e basta ver o que acontece nas ruas para avaliarmos como é ineficaz”, crítica o empresário.

Brasília é famosa ainda por ter um dos maiores percentuais de área verde em relação à área construída. “Temos apenas 20% de área construída por 80% de área residual, ou seja, comum, verde”, assinala Denise Gouvea, arquiteta do Departamento de Arquitetura e Urbanismo do Governo do Distrito Federal.

“Estamos com 30 milhões de metros quadrados de gramado sob nossa responsabilidade e a perspectiva para este ano é de que plantemos mais um milhão de metros quadrados, além de 80 mil árvores”, revela Ouzanna Correia Coelho, diretora do Departamento de Parques e jardins da Novacap, subordinada à Secretaria de Serviços Públicos, admitindo que os 900 funcionários sob suas ordens são poucos para a “grandiosidade das obras”.

A ênfase registrada pelo diretor do Departamento de Parques e jardins tem uma razão: desde quando assumiu, em maio de 85, o governador José Aparecido vem recebendo críticas de moradores de diversos bairros brasilienses reclamando da falta de urbanização. “Isto aqui está completamente abandonado. O mato está invadindo as ruas e polícia não aparece nem para tomar café”, ironiza Ana Mireyza Vasconcelos, habitante do lago Norte, “Esta é uma questão para o SLU”, esquivase Correia Coelho.

“Nós não temos condições de atender à demanda”, reconhece o presidente do Serviço de Limpeza Urbana. “Por enquanto conseguimos recolher lixo todos os dias no plano-piloto, onde mora a classe média brasileira, mas nas cidades-satélites essa operação só ocorre três vezes por semana. Por aí nota-se a nossa precariedade”, conclui